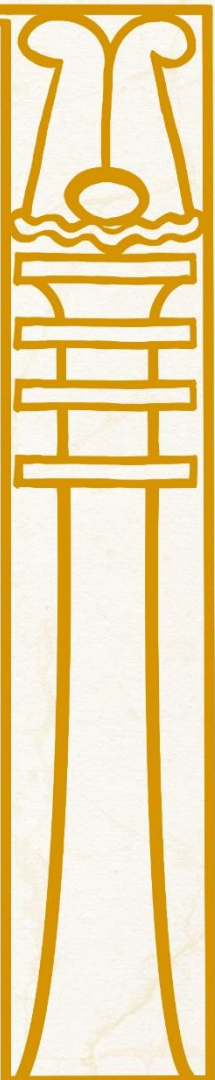
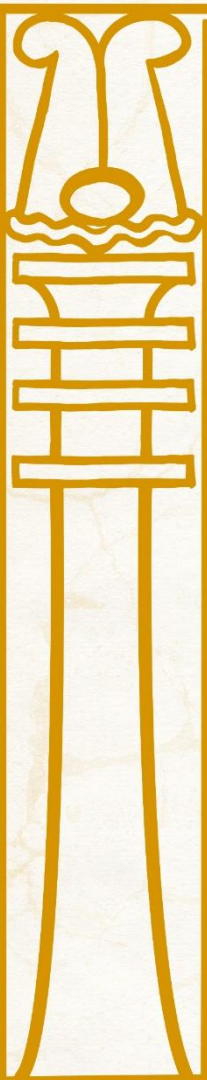




OS
CO
MEN
TÁR
IOS
DO
AL





FERNANDO LIGUORI
**DE SANGUINE & GLADIO:
A VONTADE COMO
PROVA SUPREMA**

DA SÉRIE: **O OLHO DE HOOR**

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

INTRODUCTIO

Qo Æon de Hórus, o argumento cede lugar à prova pela Vontade. A verdade já não se estabelece pela lógica, nem pela moral, mas pela potência realizadora daquele que conhece e cumpre a si mesmo como Lei. O Verso 11, fulminante e brutal, inaugura esse novo paradigma: *Eu proíbo argumento. Conquistai! Isso basta.* Nesse novo cenário, o símbolo da espada — outrora reservado aos heróis ou aos mártires — é aqui colocado nas mãos da Mulher, do vate, do adorador. A adoração em Thelema é ato total: envolve sangue e sêmen, sacrifício e gozo, intelecto e lança. Este não é o culto de uma divindade externa, mas da própria Estrela — cuja luz, para brilhar, deve atravessar as trevas da ignorância e do Ego.

Os três comentários que se seguem — de Crowley, Motta e Liguori — oferecem diferentes camadas de leitura a este verso. Crowley, ainda prisioneiro de certas sombras de sua época, lê em chave literalista e militarista o que é, em essência, um código alquímico de transfiguração. Motta corrige o erro ao propor uma interpretação teúrgica e cabalística: espadas são o intelecto, lanças são a Vontade, e o sangue é o sêmen transsubstanciado da oferenda iniciática. Liguori radicaliza essa leitura ao reler o versículo à luz de LIBER VII, LIBER XVI e LIBER AL, mostrando que a única verdadeira conquista é a de si mesmo, e que o verdadeiro inimigo é o *Porque* — o arcabouço racionalista e moralista do Æon anterior. A adoração aqui não é a de ídolos,

mas da própria Verdadeira Vontade — que sangra, que pensa, que cria, que fulmina e que se oferece como flor de fogo.

III:11: *Probatio per Sanguinem et Gladium — A Prova pelo Sangue e pela Espada*

O Verso 11 do Capítulo III de LIBER AL VEL LEGIS introduz a fórmula teúrgica da conquista como critério de verdade. Fogo, sangue, espadas e lanças simbolizam a guerra sagrada da Vontade contra o Ego, a tradição morta e a resistência do mundo. Não há argumento — há ação.

11. Esta será vossa única prova. Eu proíbo argumento. Conquistai! Isso basta. Eu farei fácil para vós a abstrução da casa mal-ordenada na Cidade Vitoriosa. Tu a transportarás tu mesmo com veneração, ó profeta, se bem que tu não gostas. Tu terás perigo & tribulação. Ra-Hoor-Khu está contigo. Adorai-me com fogo & sangue; adorai-me com espadas & com lanças. Que a mulher seja cingida com uma espada diante de me; que sangue corra em meu nome. Calcai aos pés os Gentios; sede sobre eles, ó guerreiro, Eu vos darei da carne deles para comer!

Comentário de Crowley

A Cidade Vitoriosa é, evidentemente, o Cairo (Al-Kahira, «a Vitoriosa»), e a casa mal-ordenada é o Museu de Bulak.

Ra-Hoor-Khu — por que o nome está sem sua terminação? Talvez para indicar a essência da força.

O Ritual da Adoração a Ra-Hoor-Khuit deve, espera-se, ilustrar a sua natureza. Parece duvidoso que este ritual possa algum dia assumir a forma de uma celebração simbólica; ao contrário, aparenta ser mais como expedições contra os pagãos — isto é, cristãos e outros trogloditas — mas especialmente os parasitas da humanidade, os judeus — que seriam o seu rito. E entende-se que «a mulher» deve empunhar armas em sua honra. Essa mulher pode ser a Mulher Escarlata, ou talvez a Mulher em geral. Lembrai-vos de que na Mulher Escarlata «todo o poder é dado»; e eu espero uma nova Semíramis.

Comentário de Motta

Apresentamos esta nota na íntegra para dar uma ideia das diversas fases pelas quais Aleister Crowley passou em suas tentativas pessoais (no sentido de Personalidade) de comentar o Capítulo III do AL.

É uma total insensatez tentar interpretar estes versículos em termos de coisas transitórias. «Parasitas da humanidade — os judeus», por exemplo, é uma frase que a Igreja Católica Romana encorajou sutilmente ao longo de dez séculos de perseguição religiosa. Uma atitude muito mais esclarecida encontra-se em sua carta a um discípulo, reproduzida como o Capítulo LXXIII de *MAGICK WITHOUT TEARS*.¹

¹ No Capítulo LXXIII de *MAGICK WITHOUT TEARS*, intitulado *Monstros, Negros, Judeus, etc.*, Aleister Crowley responde a uma pergunta incômoda sobre a posição de Thelema diante de categorias étnicas, sociais e antropológicas frequentemente estigmatizadas em seu tempo. Embora reconheça que certos comentários anteriores seus — como a referência aos judeus como *parasitas da humanidade* em seus comentários ao AL III:11 — estavam impregnados de preconceitos sociais herdados, ele adota nesta carta uma postura mais crítica e filosófica. Crowley afirma que todo indivíduo possui qualidades que o tornam querido para alguém, independentemente de seu pertencimento a qualquer classe, raça ou grupo. Ataca a ideia de consciência de classe como fator coletivo, identificando-a como uma submersão do indivíduo e como geradora de guerra, opressão e irracionalidade — um problema que, segundo ele, foi explorado tanto por Stalin quanto por Hitler. A posição que emerge é clara: Thelema não admite julgamentos coletivos. A estrela do indivíduo é soberana, e qualquer tentativa de apagar

«Ra-Hoor-Khu»: o Nome do Deus varia conforme Sua maneira de manifestação. Assim, *Ra-Hoor-Khut* é Sua manifestação como Emissor da Corrente que irradia de Boleskine; *Ra-Hoor-Khuit* é Sua manifestação como Senhor do Æon; *Ra-Hoor-Khu* é Sua manifestação na Alma, ou *Khu*, do adorador. (Ele é, evidentemente, um *Ipsissimus*; todos os verdadeiros Deuses o são.) A melhor compreensão dessas variações de Seu Nome só vem pela prática.²

«Eu proíbo argumento. Conquistai! Isso basta.» — Mais uma vez o velho adágio: o mundo inteiro ama um vencedor. Faze tua Verdadeira Vontade, e nada mais. Os thelemitas NÃO devem, repito, NÃO devem pregar ou converter. Devem cuidar de seus próprios assuntos, o que já é mais do que suficiente para ocupar o tempo de qualquer um. O argumento é do *ruach*, e o máximo que ele pode produzir é uma manifestação do *Porque*. Este é o perigo de todas as formas de teologia.

«Conquistai» — não significa sair por aí guerreando e matando, desculpem-me, caros sádicos. Conquiste tuas circunstâncias! Conquista a ti mesmo! Então, e somente então, um homem está em condição de conquistar os outros — se isso for necessário para a realização de sua Verdadeira Vontade.

«Fogo & sangue» — veja-se as atribuições do Elemento Fogo e as atribuições mágicas e correspondências cabalísticas do sangue. (Uma das mais significativas é: Sangue = Sêmen. Veja o comentário ao Verso 24.)

Espadas = Intelecto. Lanças = Vontade Mágica. Veja-se LIVRO QUATRO, Parte II; PARSIFAL, de Wagner; LIBER 777.³

«Que a mulher seja cingida com uma espada diante de me.» — Isso não significa atravessar mulheres com uma espada, desculpem-me, caros pederastas. A Espada é o símbolo da Mente — veja novamente o LIVRO QUATRO, Parte II. A mulher de Thelema deve desenvolver seu intelecto; deve ser igual a qualquer homem em inteligência e poder de raciocínio. A única coisa que um homem pode fazer (neste plano) e que uma mulher não pode é gerar.

Incidentalmente, de 1904 até agora, a Revolução da Mulher tem estado em pleno curso. Pode acabar se revelando muito mais importante do que a Revolução Industrial.

essa singularidade em nome de massas, ideologias ou religiões — inclusive o antissemitismo — é uma negação da própria Lei de Thelema. Para Crowley, a única forma de relação válida é a relação individual. Assim, este capítulo funciona como uma autocrítica a visões anteriores e representa um avanço ético em sua interpretação da Lei.

² Ao afirmar que *Ra-Hoor-Khu* [...] é, evidentemente, um *Ipsissimus*; todos os verdadeiros Deuses o são, Motta está recorrendo a uma chave iniciática da A·:A·: o *Ipsissimus*, último Grau da Terceira Ordem (10^o=1^o), representa o ser que ultrapassou completamente o Abismo, abolindo toda dualidade e toda limitação. Ele não apenas realizou a Verdadeira Vontade, mas a vive sem oposição, como expressão pura do *Tao*, do *Ain Soph* ou de *Nuit*. O *Ipsissimus* já não age por impulso interno nem por compulsão externa: ele é, e sua ação é a própria ordem natural, livre de intenção ou causalidade visível. Crowley define esse estado como aquele que está *além de toda ideia de Magia*, e cuja única Lei é o silêncio da ausência de oposição. Assim, dizer que um Deus é um *Ipsissimus* significa reconhecê-lo como arquétipo pleno da Consciência Cósmica, em estado de total identidade com o Absoluto — e não como uma personalidade limitada, separada ou adorada por si. Em LIBER B VEL MAGI, Crowley sugere que um Deus é aquele que conhece-se como Nada, reforçando que os *verdadeiros Deuses* — *Nuit*, *Hadit*, *Hoor-paar-Kraat*, *Ra-Hoor-Khuit* — não são ídolos, mas estados supra-humanos de realização espiritual. A realização do *Ipsissimus* é, portanto, tanto a consumação da jornada iniciática quanto o modelo místico de toda divindade autêntica na cosmologia thelêmica.

³ No LIVRO QUATRO (Parte II) Crowley associa a Espada ao elemento Ar e à função da análise racional. A Espada corta, separa, distingue — ela é, portanto, o instrumento da razão crítica e discriminativa. A Lança, por outro lado, aparece como símbolo ativo da Vontade que penetra e dirige — símbolo solar e fálico, evocando a Vontade Direta que ultrapassa o mundo mental.

No LIBER 777, encontramos essas correspondências formalizadas nas tabelas: a Espada é atribuída ao Ar. A Lança aparece simbolicamente contida nos atributos de *Tiphereth*, esfera da Vontade Mágica iluminada pelo Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardiã. Além disso, Crowley associa a Lança à lenda do Graal e ao personagem Parsifal (cf. LIBER ALEPH e O CÁLICE DO ÊXTASE, Clube de Autores, 2017), onde ela é o símbolo da Vontade redentora e criadora do Adepto.

Ao resumir *Espadas = Intelecto*. *Lanças = Vontade Mágica*, Motta condensa o sistema de correspondências da tradição thelêmica, articulando pensamento crítico (Ar) e Vontade iluminada (Sol/*Tiphereth*), ambos essenciais à consecução da Grande Obra.

«Que o sangue corra em meu nome» — Sangue = sêmen.⁴

«Calcai aos pés os gentios» — os gentios são todos aqueles que não aceitam a Lei de Thelema: *Faze o que tu queres*. Isso não significa «pessoas que não são da nossa religião». Thelema NÃO é, repito, NÃO é, uma religião. É um método de Teurgia — ou de Parapsicanálise, se preferires. Um judeu, ou um católico romano, ou um budista, ou um marxista, não é necessariamente um «gentio». Um «thelemita» que quer matá-los porque eles não chamam sua ideia de Deus de *Ra-Hoor-Khuit*, este sim o é. Veja-se LIBER OZ.

«Eu vos darei da carne deles para comer!» — Ele dá. E, às vezes, é bastante saborosa.

Há também um significado técnico na expressão «Calcai aos pés os gentios», pois HEATHEN [*gentios*] = 5 + 5 + 1 + 9 + 5 + 5 + 50 = 80, um dos Números Sagrados. Veja-se LIBER AL I:46, I:57, e LIBER XVI; também LIBER VII III:55–60.

Comentário de Liguori

Este Verso apresenta a forma mais violenta e ritualizada da adoração a Ra-Hoor-Khuit, instaurando a lógica da conquista como signo último da Verdade — uma Verdade que não se argumenta, mas que se impõe. *Eu proíbo argumento. Conquistai! Isso basta*. A recusa do *Porque* é aqui levada ao extremo: toda forma de justificação racional é suprimida em favor de um embate direto com o real. A única prova é a vitória. Trata-se de um claro rompimento com os paradigmas do Æon de Osíris, onde a verdade espiritual era buscada através do sofrimento, do martírio e da identificação com o Deus-Sacrificado. No Æon de Hórus, a Verdade se prova pelo cumprimento da Vontade. Neste novo paradigma, não há espaço para doutrina ou teologia: só há espaço para ação, para efetividade, para potência.

A adoração com *fogo & sangue*, com *espadas & lanças*, e a imagem da mulher cingida com a espada são expressões simbólicas de um novo ideal humano: o da androginia solar, onde intelecto e vontade se conjugam tanto no homem quanto na mulher. Trata-se da realização do Verbo em sua forma guerreira, onde a inteligência (espada) e a Vontade Mágica (lança) são os instrumentos da conquista espiritual. A mulher armada diante da divindade representa o retorno de *Babalon*, a manifestação plena da *Shekinah* sem véus. Ao invés de ser protegida, a mulher é aqui a guerreira — um signo claro do desvelamento da força lunar em sua dignidade marcial. O sangue que corre *em meu nome* não é o sangue do inimigo, mas o sangue da oferenda: é sêmen, é o fluido da lua, é a hóstia do céu, é a própria substância da transformação mágica, como já foi delineado no Verso 24 deste Capítulo III.

A leitura de Crowley, com seu comentário impregnado de anti-semitismo e militarismo literal, revela a fragilidade do *comentador enquanto personalidade*. Motta

⁴ Quando Motta afirma que *Sangue = Sêmen*, está condensando uma doutrina esotérica central aos arcanos do Nono Grau da *Ordo Templi Orientis*, conforme delineado nos comentários de Crowley ao AL III:24. Neste verso, o *sangue* é apresentado em graus hierárquicos de sacralidade mágica, do sangue menstrual — símbolo lunar e matricial — ao *sangue fresco de uma criança*, expressão velada que se refere ao elixir alquímico produzido no coito mágico entre o Mago (A Besta) e a Mulher Escarlate (Babalon), i.e. o sêmen transmutado pela união sexual consagrada.

Essa equivalência simbólica entre sangue e sêmen aparece repetidamente nos escritos de Crowley. No LIVRO QUATRO (Parte III), Crowley afirma que *o sangue é a vida* e que os fluidos corporais, especialmente o sêmen, são os veículos mais potentes da força vital mágica (*libido*). Tal entendimento tem raízes tanto na alquimia ocidental quanto no tantrismo *vāmācāra*, onde os *fluidos do sacrifício* são meios de consagração e deificação do praticante.

Motta preserva essa linguagem cifrada em seus comentários, ao mesmo tempo em que adverte que a explicação literal dessa fórmula deve permanecer oculta aos não-iniciados. Ele ecoa aqui o princípio tradicional do silêncio (sigilo) em torno das fórmulas do IX° O.T.O., conforme alertado pelo próprio Crowley: *Tentativas iniciadas de utilizar os formidáveis arcanos de Magia apresentados nesta passagem poderiam levar apenas ao desastre mais fulminante e irremediável* (cf. comentários ao AL III:24). Portanto, a chave de leitura dessa fórmula — *sangue = sêmen* — só se revela plenamente no *Soberano Santuário da Gnôsis*, e seu uso exige iniciação, consagração e compreensão ritualística plena.

reconhece esse problema ao apresentar a nota de Crowley na íntegra e imediatamente reprová-la como um erro histórico e interpretativo. Ele nos recorda que a frase *parasitas da humanidade — os judeus* é uma importação inconsciente dos preconceitos eclesiásticos que permeiam a cultura europeia, e que o próprio Crowley, mais tarde, em *MAGICK WITHOUT TEARS*, adota uma visão muito mais esclarecida. Com isso, Motta reafirma que a leitura correta deste versículo exige a transposição do símbolo para sua chave mágica e iniciática, e não para interpretações sociopolíticas transitórias.

Motta traz ainda uma formulação doutrinária essencial ao identificar três modos da manifestação do Deus: *Ra-Hoor-Khut* como emissor da corrente thelêmica; *Ra-Hoor-Khuit* como Senhor do Æon; e *Ra-Hoor-Khu* como manifestação interior no adorador — uma interpretação que enriquece simbolicamente o texto e encontra respaldo na própria tradição da A.:A.:. A equação simbólica entre Sangue e Sêmen aparece como cifra central da Adoração: uma oferenda que não é de morte, mas de vida transfigurada. A exortação *calcai aos pés os gentios* também é corrigida por Motta com firmeza: não se trata de violência sectária, mas de vencer toda resistência à Verdadeira Vontade, inclusive no próprio coração. Finalmente, a cifra HEATHEN = 80 é magistralmente articulada com AL I:46 e I:57, LIBER VII (III:55–60) e LIBER XVI, unificando Qabalah, alquimia sexual e destruição do *Porque* num sistema que só pode ser entendido por quem já bebeu do fogo da Torre atingida pelo raio.

A chave hermenêutica para decifrar a linguagem belicosa de AL III:11, portanto, reside na tríade simbólica composta por LIBER VII, LIBER XVI e LIBER AL, tal como sugerido por Marcelo Motta. No LIBER VII (III:55–60), encontramos um canto de oferenda mística que transpõe a batalha literal em sacrifício extático: *Tu me esmagarás no lagar do Teu amor. Meu sangue manchará Teus pés de fogo com litânicas de Amor em Angústia* (III:56). Aqui, o *sangue* não é expressão de violência exterior, mas da autoimolação voluntária no vinho da união divina. O bode sacrificado (III:59) é símbolo do iniciado que oferece sua substância vital (i.e. sêmen, sangue, ego) para que a colheita mágica seja realizada. O mesmo processo é reiterado na sequência com a *nova flor*, o *novo mel* e a *nova canção* — símbolos alquímicos da transfiguração da alma. Portanto, a adoração com sangue e lança em AL III:11 deve ser entendida à luz dessa entrega sacrificial interior, onde *o sangue que mancha* é o da Rosa-Cruz interior, não de inimigos externos.

O LIBER XVI – *TURRIS VEL DOMUS DEI*,⁵ nos oferece a codificação mística da torre atingida pelo raio, que é a própria personalidade sendo fulminada pela Luz do Eu Verdadeiro. O raio não vem de fora, mas do Coração da Estrela. *A destruição dos*

⁵ O LIBER XVI – *TURRIS VEL DOMUS DEI*, publicado originalmente no *THE EQUINOX*, Vol. I, No. 6 (1911), é um dos textos da A.:A.: catalogado em Classe D, sendo, portanto, uma instrução oficial de prática mágica. Sua designação — *A Torre ou Morada de Deus* — corresponde diretamente à décima sexta chave do Tarot, a *Torre* fulminada pelo raio, símbolo da destruição súbita do Ego ilusório. A prática prescrita no LIBER XVI consiste em um processo radical de aniquilação dos pensamentos no momento mesmo de sua gênese, culminando na extinção da própria raiz da dualidade mental. É uma das mais severas disciplinas publicadas pela A.:A.:, recomendada apenas àqueles que já dominaram profundamente os graus preparatórios de *āsana*, *prāṇāyāma*, *dhāraṇā* e os métodos de LIBER HHH.

Como explicitado no LIBER CCVII – *UM SUMÁRIO DAS INSTRUÇÕES OFICIAIS DA A.:A.:*, o LIBER *TURRIS* é uma das instruções dedicadas à consecução por meio da destruição direta dos pensamentos à medida que surgem, sendo um caminho abrupto, mas altamente eficaz, rumo ao Silêncio e à superação do *ruach*. A alegoria alquímica e poética presente no texto — com a Donzela presa na torre, a descida do raio divino, e a transfiguração pelo Fogo — remete à experiência da travessia do Abismo e à destruição da fortaleza do Ego inferior, conforme exigido ao Adeptus Exemptus 7º=4º na preparação para o grau de Mestre do Templo 8º=3º. Trata-se, assim, de um manual esotérico de transmutação radical, cuja leitura e prática devem ser reservadas aos que já se encontram firmemente estabelecidos no Caminho da A.:A.:.

gentios deve, portanto, ser lida como a queda das estruturas internas do *Porque*, do Ego reativo, das falsas crenças herdadas do Æon de Osíris. A Mulher cingida com espada representa aqui o agente destruidor e regenerador — a *Babalon* que, tal como em LIBER VII, consome o iniciado com fogo e o renova com vinho. Finalmente, LIBER AL, em I:46 e I:57, revela a chave para a cifra HEATHEN = 80: *Nada é uma chave secreta desta lei e Escolhei bem! Ele, meu profeta, escolheu, conhecendo a lei da fortaleza. Esta lei da fortaleza não é militar, mas mágica. É a potência de quem dissolve o Ego e consome o mundo com a chama da Verdadeira Vontade. O verdadeiro conquistador, portanto, é aquele que conhece a chave do Nada (61, 8, 80, 400 & 418) — o que se anulou para tornar-se estrela.*

CONCLUSIO:

Ao longo do Verso 11, somos confrontados não apenas com o tom apocalíptico da voz de Ra-Hoor-Khuit, mas com a exigência mais profunda da Nova Lei: a de que não se discute com o Sol. O iniciado não argumenta — realiza. A adoração é ação mágica: é um corte de espada no véu do Ego, uma lança erguida contra o sono do Mundo. Neste ritual teúrgico de sangue e intelecto, a Mulher se torna guerreira, o homem se torna oferenda, e ambos se dissolvem na Criança Coroada e Conquistadora que brilha além do abismo. *De Sanguine & Gladio* é, portanto, um chamado: àqueles que desejam a Verdade, que abandonem a teologia e abracem a prática; que deixem o templo de palavras e entrem na fornalha onde o Ouro é forjado com lâmina, sêmen e silêncio.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Frater AHA-ON 777 ∴ 8°=3°
Praemonstrator do Outer College Brasil



A publicação de *Os COMENTÁRIOS DO AL* por Marcelo Ramos Motta em 1975 e.v. constituiu um marco definitivo na história contemporânea da A.:A.: e na transmissão moderna da Lei de Thelema. Pela primeira vez desde a morte de Aleister Crowley (1875–1947), *LIBER AL VEL LEGIS* foi publicado com Imprimatur Oficial da A.:A.:, acompanhado de notas autorizadas e do aparato interpretativo de um Præmonstrator vivo, herdeiro direto da cadeia iniciática. Essa edição não foi apenas um gesto editorial, mas um ato mágico e profético: reabriu formalmente o *Período de Discurso* da A.:A.: e restaurou a sucessão espiritual visível entre Aiwass, Crowley, Karl Germer e Marcelo Motta.

A presente edição de *OS COMENTÁRIOS DO AL* é publicada como *O OLHO DE HOOR*, Vol. II, No. 1, e traz de volta, na íntegra, os comentários originais de Motta tal como escritos por ele entre 1973 e 1975 — incluindo os trechos omitidos nas edições brasileiras publicadas até o presente. O livro será acrescido de comentários exegéticos do Præmonstrator do *Outer College Brasil*, cruzando *LIBER AL* com *LIBER VII*, *LIBER LXV*, *LIBER 418* e outros *Libri* thelêmicos essenciais, compondo um corpus doutrinário fiel à *Corrente 93*.

Este livro deve ser compreendido como um verdadeiro talismã mágico da *Corrente 93*. Sua publicação original, em 1975, foi considerada o estopim do renascimento mundial da A.:A.:, sendo reconhecida por autores como J. Daniel Gunther como o momento em que *o movimento thelêmico mundial se tornou vivo*.

Esta nova edição honra esse legado, atualizando o comento para uma nova geração de thelemitas em português. Que este volume seja recebido como uma obra ritual, um documento iniciático e um testamento vivo da *Corrente 93*.

